

**FATORES DE TEXTUALIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO  
NOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS,  
UM ENFOQUE INTERATIVO  
ENTRE AUTOR, TEXTO E LEITOR**

*Ariane Wust de Freitas Francischini* (UEMS)

[aajaraguari@hotmail.com](mailto:aajaraguari@hotmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros* (UEMS)

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

Este estudo tem a finalidade transpor para a prática, em contextos de aula de língua portuguesa no ensino fundamental, o uso da teoria dos fatores de textualidade e produção de sentidos nos processos comunicacionais, por meio da aplicação de uma sequência didática. Para tanto utilizamos como suporte teórico Maria da Graça Costa Val (2006), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999, 2002), Luiz Carlos Travaglia (2009), Irlandé Antunes (2003), Maria Margarida de Andrade e João Bosco Medeiros (2001), Duarte (2004), Michel Thiollent (1986), PCN (1998) entre outros autores defensores destas linhas teóricas. Na contemporaneidade nos deparamos com inúmeros textos, multimodais, que são veiculados em situações concretas de interação comunicativa e por interlocutores reais. Neste sentido abordaremos os aspectos semântico-conceitual (coerência), formal (coesão) e o pragmático (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade), na produção dos discursos construídos nos processos interacionais que fazem uso tanto da linguagem verbal, não verbal como por símbolos e imagens. As práticas propostas auxiliarão no desenvolvimento de atividades que proporcionarão uma reflexão crítica acerca da inserção da teoria na execução de atividades práticas em sala de aula, por meio do processo interacional autor, texto, leitor.

**Palavras-chave:**

Fatores de textualidade. Produção de sentido. Ambiente comunicacional.

**1. Introdução**

A despeito da inserção de novas demandas curriculares para o ensino da língua portuguesa na educação básica, ainda observamos a persistência de um sistema fragmentado e estruturalista, inapropriado para a amplitude em que a linguagem se encontra nos contextos comunicativos.

Apesar dos estudos e das contribuições dos linguistas sobre as concepções de texto e textualidade percebemos que existe uma grande distância entre os conhecimentos teóricos, adquiridos nos cursos de gra-

duação e pós-graduação, das práticas cotidianas da sala de aula de língua portuguesa.

Muitos docentes não se sentem preparados para atender essas novas demandas, por outro lado há também aqueles que foram frutos de um ensino tradicionalista e entendem que aprender uma língua significa apenas ler e escrever, decifrar códigos, ou seja, uma atividade meramente mecânica. Assim o trabalho com linguagem em uma perspectiva interativa e sociodiscursiva é um fator distante da realidade da maioria das escolas públicas brasileiras.

Nos dias atuais nos deparamos com inúmeros textos, multimodais, que são veiculados em situações concretas de interação comunicativa e por interlocutores reais. Em contextos comunicacionais a produção de discursos orais e escritos, deveria ser orientada tanto pelos aspectos semântico-conceitual (coerência) e formal (coesão), quanto pelo pragmático (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) que podem ser construídos especificamente com linguagem verbal, não verbal, símbolos, imagens ou pela mescla dos dois.

Este estudo tem por finalidade transpor para a prática os conceitos abordados em contextos reais de aula de língua portuguesa, além de, tratar das questões relativas ao ensino dos fatores de textualidade e produção de sentidos nos processos comunicativos, a partir da aplicação de uma sequência didática.

Desse modo, as práticas propostas auxiliarão no desenvolvimento de atividades que proporcionarão uma reflexão crítica acerca da inserção da teoria na execução de atividades práticas em sala de aula e por meio do processo interacional autor, texto, leitor.

## **2. *Princípios sobre texto e textualidade***

De acordo com Maria da Graça Costa Val (2006, p. 3) um texto ou um discurso é definido como uma ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica ou formal. Assim, compreendemos por texto/discurso, a unidade básica de comunicação, produzida para um objetivo específico, a fim de estabelecer a interação entre os sujeitos nos espaços comunicacionais, podendo ser ressignificada conforme o contexto ou a situação comunicativa.

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1999, p. 16) “um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas”. Todo texto é relacional e coletivo, uma produção discursiva, um processo comunicativo real, que possui autoria, mobilidade espaço-tempo de acordo com o contexto e compõe uma unidade de sentido articulada que é produzida em um determinado tempo histórico, de um enunciador para um enunciatário e podem ser construídos especificamente com linguagem verbal, não verbal, símbolos e imagens ou pela mescla dos dois.

Há propriedades do texto, chamadas pelos linguistas de textualidade que são conjuntos de características responsáveis por caracterizar uma manifestação linguística como texto.

Para Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia (2009, p. 26),

Textualidade ou textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como um texto quando aquele que recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.

Assim, chama-se de textualidade o conjunto de características que faz com que um texto não seja apenas uma sequência de frases, mas uma ocorrência linguística que pode ser compreendida e avaliada sob três aspectos: pragmático, semântico-conceitual e formal.

Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso: coerência e coesão (incumbidos pelos aspectos semântico-conceito e formal do texto), intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade (encarregados pelos fatores pragmáticos).

Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia (1997, p. 21) explicam que a coerência está

diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

Entre os fatores de textualidade apontados por Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (*apud* Val, 1994, p. 5) bem como por Leonor Lopes Fávero (1995, p. 7) a intencionalidade e a aceitabilidade estão estreitamente ligadas, uma vez que a intencionalidade diz respeito ao emissor e a aceitabilidade, ao receptor. A situacionalidade diz

respeito ao contexto de produção que servirá como orientação tanto para a recepção como para a produção de um discurso. Segundo Maria da Graça Costa Val (1994, p. 14) a união desses três fatores é responsável pelo tipo de texto utilizado em cada situação comunicativa, “essa questão é da maior importância para quem trabalha com o ensino de redação, pois vem daí o fato de que a textualidade de cada tipo de discurso envolve elementos diferentes”. Em relação à informatividade observamos que o interesse do leitor pelo texto dependerá das informações que dispõe sobre a temática, para que possa ser compreendido pelo receptor de acordo com os objetivos do produtor.

Robert-Alain de Beaugrande e Wolfgang Ulrich Dressler (*apud* Elias, 1994, p. 150) consideram a intertextualidade “uma mediação entre textos e a justificam quando no momento da situação comunicativa são introduzidos crenças e propósitos dos participantes”. A palavra *inter* é um sufixo de origem latina que significa relacionar ou estabelecer relação mútua entre dois ou mais elementos. Sendo assim, a intertextualidade é um produto de criação coletiva, um diálogo entre diferentes textos.

Para Irandé Antunes (2003, p. 45-46) a produção escrita requer parceria entre os sujeitos envolvidos no processo, na medida em que buscam os mesmos objetivos.

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex, “para fora”) de manifestação das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. As palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. Como mediação, elas se limitam a possibilitar a expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido. Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações. [...] Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto.

O texto ou discurso é construído por meio das interações socioculturais, fatores pragmáticos, estrutural formal e semântico-conceitual, com objetivo de estabelecer um ambiente comunicacional em dado contexto situacional, em que o receptor atribua sentido aos pressupostos fornecidos pelo produtor.

### **3. Processo de construção de sentidos sustentado no leitor, na situação pragmática e no texto**

A produção de sentidos constituída no contexto de interação recíproca entre autor e leitor via texto/discurso se expressam diferentemente, de acordo com a subjetividade do leitor.

Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2002, p. 10) afirma que,

O texto é visto como um produto - lógico – do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo. A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções.

Para a autora os sujeitos são “vistos como atores, construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”, (KOCH, 2002, p. 11), estabelecendo interação entre os interlocutores e atribuindo novos sentidos de acordo com as informações implícitas e explícitas e o conhecimento prévio do leitor, fundamentando-se na “concepção sociocognitiva interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação” (KOCH, 2002, p. 12 *apud* BAKTHIN, 1992, p. 290).

Para Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2002, p. 11), o encontro e o confronto de significados gerados pela interação leitor autor e texto, estabelece a construção de novos sentidos sob uma concepção interacional.

O sentido do texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2002, p. 11)

É por meio da leitura que construímos a imagem do mundo que nos cerca. É a chamada leitura de mundo, ou seja, a bagagem cognitiva que carregamos. Por meio dela que descobrimos mundos e culturas diferentes, estabelecemos relação com outros povos e nos apropriamos de diversos conhecimentos sociais, econômicos, históricos etc.

As palavras que encontramos nos livros nos oportunizam a mudança da realidade em que vivemos estabelecendo significado a coisas

que antes eram insignificantes. A construção de sentidos depende da maneira como enxergamos as imagens, observamos os discursos, também depende do nosso contexto social, de um estado e do almejo de um ideal. O leitor tem liberdade para construir sentidos, mas é limitado pelos significados trazidos pelo texto e pelas suas condições de uso, teoria do controle social dos sentidos ou controle interpretativo.

As atividades de leitura são ações cotidianas, que fazem parte da organização social do mundo contemporâneo. Neste caso não importa a classe social, religião, cultura ou até mesmo se moram em grandes centros urbanos, periferias ou em áreas rurais, o importante no ato de ler é dar significado no que se lê, pois, somos leitores em qualquer situação rotineira.

Fazemos parte de um modelo de educação obsoleto em que o aluno atribui sentido de acordo com o que é esperado pelo professor ou pelo estudioso, quando o ideal é que ele possa expandir os significados, resignificando o texto e atribuindo novos sentidos. Construção de sentido envolve reflexão, ação e crítica, diferente do que estamos acostumados a aprender nas instituições escolares.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisão diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL 1998, p. 69-70)

Na produção de sentidos de textos, o leitor desempenha papel ativo, estabelecendo relação entre seus conhecimentos prévios e as novas informações contidas no texto, ou seja, o sentido é estabelecido no processo de interação entre o autor, texto e leitor. Além disso, usamos também estratégias sociocognitivas e recorremos a três sistemas de conhecimento: linguístico, enciclopédico e interacional. (KOCH, 2002, p. 40).

Entretanto, quando abordamos os aspectos relacionais entre os sujeitos, devemos considerar o contexto de produção e os ambientes comunicacionais. Diariamente convivemos com inúmeros tipos de textos/discursos, que são veiculados em situações de interação social em espaços diferentes, neste sentido tomemos como foco os ambientes comunicacionais na escola.

#### **4. Ambientes comunicacionais na escola**

Segundo José Haroldo Pereira (2005, p. 126) “a comunicação pode ser considerada o processo social básica, primário, porque é ela que torna possível à própria vida em sociedade”. É a capacidade humana mais fundamental, pois, desde a antiguidade o homem busca maneiras para se comunicar. Por isso, é importante na comunicação conhecermos a cultura, a realidade na qual estamos inseridos, refletir sobre as práticas e espaços de comunicação nos ambientes escolares e pensar na escola como uma comunidade comunicativa, um espaço social multicultural. Neste processo comunicativo, principalmente na educação, o ato de comunicar de forma prática, eficiente, é fundamental para o processo de construção do saber.

Essa intensificação das práticas comunicativas na escola pode acontecer de maneiras diversas, utilizando tecnologias novas e antigas, poderá ser verbal, não verbal ou mista. É importante destacarmos que o principal não é qual a ferramenta de comunicação usar, mas o estabelecimento de um contexto sociocomunicativo entre os sujeitos.

De acordo com Maria Margarida de Andrade e João Bosco Medeiros (2001, p. 15),

A comunicação implica fundamentalmente, a utilização de uma linguagem, de um sistema de símbolos, seja ele uma língua ou um dialeto, falado ou escrito, gestos, batidas, cores, uma inscrição em pedra, sinais luminosos ou sinais sonoros, como o código morse, ou ainda uma série de pulsos de número binário em um computador. Comunicação provém do verbo latino *communicare*, que significa pôr em comum. A finalidade da comunicação é pôr em comum não apenas ideias, sentimentos, pensamentos e desejos, mas também compartilhar formas de comportamento, modos de vida, determinados por regras de caráter social.

Ao refletir sobre ambientes e práticas comunicacionais devemos destacar que a escola é uma comunidade comunicativa, um conjunto complexo de atores sociais, culturais, profissionais e políticos que interagem entre si e no meio em que vivem. Nas situações de comunicação, alguns elementos são sempre identificáveis.

A comunicação está associada à linguagem e à interação, de forma que representa a transmissão de mensagens entre um emissor e um receptor. De tal maneira, a palavra comunicação significa “participar de algo, tornar comum”, sendo, portanto, um elemento essencial da interação social humana.

## **5. Aspectos metodológicos da pesquisa**

Este artigo apresentou uma abordagem qualitativa, a partir de uma perspectiva de pesquisa bibliográfica e o método adotado foi à pesquisa – ação.

Segundo Duarte (2004, p. 215) “o que dá o caráter qualitativo da pesquisa não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico escolhido para construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo”.

Michel Thiollent (1986, p.14) define como pesquisa-ação:

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nesta pesquisa tivemos como *locus* uma escola pública de educação básica, localizada na área central do município de Campo Grande no estado de Mato Grosso do Sul e como público alvo apresentamos vinte e oito alunos de uma turma de 9º ano, dois professores de língua portuguesa e um coordenador pedagógico.

O presente estudo tem por finalidade transpor para a prática, em contextos reais de aula de língua portuguesa na educação básica, a aplicação teórica dos conceitos abordados e investigar a compreensão dos fatores de textualidade semântico-conceitual, formal e pragmáticos na produção de sentido nos processos comunicacionais orais e escritos, um enfoque interativo entre autor, texto e leitor.

Realizamos uma investigação por meio da aplicação de entrevistas *in loco*, questionários socioculturais e uma sequência didática com diagnóstico inicial e final das atividades propostas.

A entrevista era composta por seis questões abertas, que abordavam atuação profissional, práticas metodológicas adotadas para ensino dos fatores de textualidade e uma análise crítica sobre o livro didático adotado pela escola.

### **5.1. Sequência didática**

Para realização desta proposta foram utilizadas 12 (doze) aulas de língua portuguesa, que foram planejadas em cooperação com a professo-

ra da turma e que estão de acordo com o referencial curricular da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul.

*5.1.1. Primeiro momento: produção de texto escrito – descontextualizado*

Iniciamos com a aplicação de uma avaliação diagnóstica, solicitando aos alunos que escrevessem um texto dissertativo com base somente na temática apresentada. Este tipo de aula descontextualizada reforça um reducionismo que vigorou por muitos anos no ensino da produção de texto nas escolas. Foi proposta uma atividade de produção textual, com a temática “valorização do idoso”, sem mencionar contextos sociocomunicativos, gênero textual ou propósito comunicativo. Também não apresentamos outros textos como forma de contribuir para o enriquecimento do conhecimento enciclopédico dos estudantes. Ao executarem uma atividade descontextualizada, que reproduz o cotidiano das atividades de língua portuguesa em boa parte das escolas públicas brasileiras, os alunos apresentaram dificuldades e desmotivação. Ao elaborarmos esta atividade, tivemos como finalidade demonstrar a importância da inserção da teoria na execução de atividades práticas em sala de aula, por meio do processo interacional autor, texto, leitor.

*5.1.2. Segundo momento: abordagem dos fatores de textualidade*

Apresentamos aos alunos por meio de *slides* os conceitos dos “fatores de textualidade”, semântico-conceitual, formal e pragmático, exemplificando seu emprego nas interações entre os sujeitos nos ambientes comunicacionais, de acordo com o contexto ou situação de produção. Nesta aula os alunos observaram o uso dos fatores de textualidade em diferentes gêneros textuais, imagens, músicas e propagandas correlacionando as intenções do produtor e a construção de sentido do receptor em diferentes contextos sociocomunicativos.

*5.1.3. Terceiro momento: Produção de texto escrito – contextualizado*

Para a execução dessa atividade os alunos foram informados sobre os contextos sociocomunicativos, gênero textual e propósito comunicati-

vo, além disso, apresentamos informações complementares acerca da temática abordada, como forma de contribuir para o enriquecimento enciclopédico dos estudantes. Entregamos aos alunos uma folha com a cópia da proposta de redação do ENEM 2009 e dos textos motivadores. Além disso, realizamos uma breve discussão sobre a temática, para a seleção dos argumentos.

*5.1.4. Quarto momento: “Open space” em sala de aula sobre as metodologias adotadas nas duas propostas de produção textual “descontextualizada e contextualizada”.*

Este momento serviu para a reflexão sobre as propostas de atividades desenvolvidas anteriormente, os pontos positivos e negativos de cada abordagem metodológica e suas contribuições para o desenvolvimento das competências e habilidades de acordo com os objetivos de cada aula. Os alunos relataram suas dificuldades e expectativas em relação ao conteúdo abordado, oportunizando uma profunda reflexão sobre a prática docente e a metodologia de ensino aplicada nestas atividades.

*5.1.5. Quinto momento: “Feedback” e análise das atividades de produção textual*

Dividimos a sala em quatro grupos e distribuímos as redações produzidas no primeiro e no segundo momento para análise textual, observando alguns itens como: ortografia, pontuação, presença dos fatores de textualidade e o conteúdo apresentado no decorrer dos textos. Os grupos discutiram e analisaram todos os aspectos apresentados em cada redação. Para finalizar essa etapa, selecionamos uma redação por grupo para correção coletiva. Neste aspecto, devemos mencionar que a metodologia adotada não constrangeu os alunos, mas contribuiu para a socialização, autonomia e construção da aprendizagem coletiva.

*5.1.6. Sexto momento: Proposta final*

Em grupos os alunos elaboraram anúncios publicitários de produtos diversos (máquina de lavar, celular, tênis, desodorante) para dois públicos distintos (classe baixa e classe alta), utilizando as teorias apresentadas anteriormente sobre os fatores de textualidade. Elaboraram um roteiro escrito e vídeos com duração máxima de dois minutos, para realiza-

ção desta atividade utilizaram recursos tecnológicos como: câmera digital, *Smart Phones*, *Movie Maker*, *Power Point*, *You Tube* entre outros. E os produtos finais foram enviados para a professora por *e-mail*, *WhatsApp* ou *links* e posteriormente apresentados à turma e à coordenação pedagógica da escola.

## **5.2. Auto avaliação da sequência didática**

Com o objetivo de verificar a aceitação dos alunos com as propostas metodológicas adotadas durante a execução das atividades e de obter informações relevantes para esta pesquisa disponibilizamos um momento para avaliação da sequência didática. Os alunos escolheram um representante, que anotou na lousa as considerações da turma acerca das metodologias utilizadas, segue abaixo a transcrição do relato:

Durante as aulas de produção fizemos atividades individuais e coletivas, começando por uma redação individual a partir do tema idoso (atividade comum desde o Ensino Fundamental I), a segunda atividade foi feita em dupla e recebemos uma proposta do ENEM/2009 sobre a valorização do idoso com o auxílio dos textos motivadores (uma “nova” forma de produção de texto para a maioria dos alunos da sala), depois discutimos sobre os dois tipos de propostas e corrigimos algumas redações juntos. Num outro momento, a professora trouxe dois dos nossos textos digitados e através do Datashow analisamos e reescrevemos os textos de forma coletiva. Na outra aula, a professora passou um roteiro para realizarmos outro tipo de produção: a criação de um vídeo de um anúncio publicitário para públicos diferentes (pediu que ao fazermos o vídeo prestássemos atenção aos fatores de textualização utilizados e nos deu a liberdade de criar o vídeo em um aplicativo da nossa preferência), fizemos o vídeo (através do celular, do *Movie Maker*, *Power Point* etc.), alguns entregaram no pen drive, outros mandaram via e-mail, outros ainda compartilharam no Google drive e teve alguns que utilizaram o *WhatsApp* e o *Facebook*. Percebemos que ao longo do mês trabalhamos diferentes tipos de produção e o resultado foi aulas mais dinâmicas e com isso ganhamos muito mais em relação à nossa aprendizagem. Gostamos das atividades, porque além da lousa, do caderno, pudemos produzir alguns textos com o apoio dos nossos celulares. (alunos do 9º ano).

Ao planejarmos e elaborarmos nossas aulas, por vezes nos equivocamos ao pensar que nossos alunos são incapazes de compreender e relacionar a teoria, com as atividades cotidianas em sala de aula. Entretanto, cabe oportunizar o desenvolvimento da autonomia e da construção de sentidos de acordo com o contexto situacional. Durante a aplicação desta sequência didática, observamos que a metodologia adotada proporcionou tanto uma reflexão crítica sobre nossa prática docente, quanto demonstrou de maneira concreta, as várias possibilidades de in-

serção dos conceitos acadêmicos nas aulas de língua portuguesa para o ensino fundamental.

## **6. Considerações finais**

É observável que os alunos são capazes de construir novos sentidos por meio do processo interacional autor, texto, leitor. Para tanto, devem ser capazes de ler as entrelinhas, compreender as informações implícitas e explícitas e a relacioná-las com sua bagagem sociocultural e seu repertório linguístico. No decurso desta pesquisa ação, percebemos que o enfoque tradicional centrado no professor não permite ao aluno fazer inferências, comparações, formular hipóteses, nem relacioná-las com o conteúdo ensinado.

Ao aplicar a atividade de produção textual descontextualizada, visualizamos que ainda hoje nossos alunos estão condicionados ao *simon says* e limitados ao sentido atribuído pelo autor ou pelo professor. No entanto ao disponibilizarmos outras formas de leitura, durante a atividade de produção textual contextualizada, criamos um ambiente de interação entre os sujeitos, oportunizando as múltiplas leituras, a ressignificação de sentidos e a reescrita da temática abordada.

Nos dias atuais nos deparamos com inúmeros textos, multimodais, que são veiculados em situações concretas de interação comunicativa e por interlocutores reais, sua produção deverá ser orientada tanto pelos aspectos semântico-conceitual, formal e podem ser construídos especificamente com linguagem verbal, não verbal, símbolos, imagens ou pela mescla dos dois.

Neste sentido, adotamos uma metodologia em que tanto a teoria quanto a prática foram utilizadas pelos alunos e pela professora. Após terem compreendido o uso dos fatores de textualidade e sua importância para os processos comunicacionais e construção de sentidos, os alunos sentiram-se seguros nos trabalhos de reescrita textual e análise textual.

Para finalizar a proposta da sequência didática, os alunos elaboraram e apresentaram uma propaganda utilizando como recurso as mídias digitais, textos multimodais, observando sentidos empregados e os fatores de textualidade utilizados.

Existe uma gama de possibilidades a serem exploradas, assim este estudo além de oportunizar uma reflexão das metodologias adotadas para

o ensino de produção textual em ambientes comunicacionais para os alunos do ensino fundamental, também colaborará para pesquisas futuras, por meio dos dados coletados e das abordagens teóricas apresentadas.

Por diversas vezes, nos questionamos enquanto professores sobre o uso prático das teorias em sala de aula. No entanto, observamos por meio da aplicação desta sequência didática, que a apresentação dos conceitos teóricos atrelados à prática de ensino em contextos reais de aprendizagem, poderá contribuir para a compreensão e aplicação dos conteúdos abordados durante a aula de língua portuguesa na educação básica.

Consideramos que esta pesquisa respondeu às questões que se propôs analisar, experimentando formas de transpor para o contexto pesquisado a aplicabilidade da teoria em atividades práticas em sala de aula de língua portuguesa, como: a compreensão do uso dos fatores de textualidade na elaboração de discursos, inserção das tecnologias digitais, construção de sentidos e interação entre os sujeitos nos ambientes comunicacionais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos*. Fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Língua, texto e ensino*. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa: para cursos de jornalismo, propaganda e letras*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1983.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014 a.

\_\_\_\_\_. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2014b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEREIRA, José Haroldo. *Curso básico de teoria da comunicação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet/UniverCidade, 2005.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.